

HOJE
14:10 16:00

O HOMEM DAS MULTIDÕES

HOJE
19:30 21:20





Cinco em Ponto e REC Produtores
apresentam



O HOMEM DAS MULTIDÕES

UM FILME DE CAO GUIMARÃES E MARCELO GOMES

SINOPSE

Juvenal é um maquinista de metrô em Belo Horizonte, Margô controla o fluxo dos trens. Ambos vivem em um estado de profunda solidão - cada um a sua maneira. Esse filme é uma reflexão sobre diferentes formas de solidão e amizade no universo urbano brasileiro.

INFORMAÇÕES TÉCNICAS

Titulo Original: **O HOMEM DAS MULTIDÕES**

Ano de produção: **2013**

Duração: **95MIN**

Cor: **COR**

Som: **DIGITAL 5.1**

Categoria: **FICÇÃO**

Formato de Exibição: **DCP**

Idioma: **PORTUGUÊS**

Classificação Indicativa: **14 ANOS**

FICHA TÉCNICA

Uma produção CINCO EM PONTO e REC PRODUTORES ASSOCIADOS

Elenco: **Paulo André e Silvia Lourenço**

Participação especial: **Jean-Claude Bernardet**

Roteiro e direção: **Cao Guimarães e Marcelo Gomes**

Produção: **Beto Magalhães e João Vieira Jr.**

Coprodução: **Cao Guimarães, Chico Ribeiro, Marcelo Gomes e Ofir Figueiredo**

Produtores associados: **Silvia Lourenço e Juliano Magalhães**

Direção de fotografia: **Ivo Lopes Araújo**

Direção de arte: **Marcos Pedroso**

Montagem: **Cao Guimarães, Marcelo Gomes e Lucas Sander**

Direção de produção: **Lívia de Melo**

Figurino: **Rô Nascimento**

Preparação de elenco: **Pedro Freire**

Desenho de som e trilha sonora: **O Grivo**



A photograph of a large, dimly lit room with a high ceiling. Two ornate chandeliers hang from the ceiling, casting a warm glow. In the center, a long wooden table is set up, with several people seated around it, seemingly working or in discussion. A large mirror on the wall reflects the room and the chandeliers. The room has a classic, somewhat formal atmosphere. The text is overlaid on the lower left and center of the image.

SOBRE OS DIRETORES

Cao Guimarães é cineasta e artista plástico, dirigiu vários curtas-metragens e oito longas – entre eles os premiados *Da Janela do Meu Quarto* (2005), *Acidente* (2006 – em parceria com Pablo Lobato), *Andarilho* (2007), *Ex-Isto* (2010), adaptado de um romance de Paulo Leminski e *Otto* (2012). Com seus filmes, participou de festivais em Locarno, Veneza, Sundance, Cannes, Roterdã, São Paulo e Rio de Janeiro, etc. Suas obras integram coleções como TATE Modern, Guggenheim, MOMA, entre outras.

Marcelo Gomes é roteirista e diretor, seu primeiro longa-metragem *Cinema, Aspirina e Urubus* teve sua premieré no festival de Cannes – 2005. Em codireção com Karim Ainouz, realizou, em 2009, o filme *Viajo Porque Preciso, Volto Porque te Amo* – premieré no festival de Veneza. E ainda dirigiu, em conjunto com Karim Ainouz, uma videoinstalação para a 26ª Bienal Internacional de Arte de São Paulo – 2004. Em 2012 finaliza *Era Uma Vez Eu, Verônica* vencedor do festival de Brasília e Amazonas além de participar do festival de Toronto, San Sebastian e Cuba.

NOTA DOS DIRETORES

Após ter realizado dois filmes sobre o universo do homem solitário – “*A Alma do Osso*”, um filme sobre um eremita, onde o isolamento no tempo e no espaço é um componente determinante da existência solitária; e “*Andarilho*”, um filme sobre o universo de pessoas cuja característica essencial (ao contrário dos eremitas) é o deslocamento – Cao Guimarães decide em parceria com Marcelo Gomes continuar a investigação sobre a solidão do ser humano na sociedade contemporânea em mais um projeto, último desta trilogia: “*O Homem das Multidões*”. Consiste na retratação de personagens fictícios que vivem o drama da solidão em um ambiente urbano.

“A idéia central deste projeto é a solidão do homem contemporâneo, cidadão de uma grande metrópole no Brasil: Belo Horizonte. Resolvemos compor nossos personagens relacionando-os de forma obstinada com esta espécie de alteridade compacta presente nas grandes cidades: a multidão. No mundo contemporâneo podemos pensar em duas formas de multidões. A multidão real, verificável na realidade das ruas, nos aglomerados de pessoas na urbe; e a multidão virtual, intermediada por uma tela (de computadores, celulares e outros aparatos eletrônicos) que redefine toda a sensorialidade presente em nosso estar no mundo.

A partir de dois personagens (Juvenal e Margô), arquétipos de uma sociedade industrial e moderna, queremos refletir sobre o processo de isolamento do indivíduo e da massificação das estruturas sociais. As relações perdem a naturalidade do olhar, do falar, do ouvir, ou seja, de tudo o que nos faz estabelecer contato com o outro. Nossos personagens são a incorporação radical desta sensação.”

– Cao Guimarães e Marcelo Gomes

ENTREVISTAS

CAO GUIMARÃES E MARCELO GOMES

Cao, como foi que você enxergou ou pensou o fato de o conto do Edgar Allan Poe ser a base para a conclusão da sua *Trilogia da Solidão*, iniciada com *A Alma do Osso* (2004) e seguida por *Andarilho* (2007)?

Cao – O personagem do conto tem uma força interessante, uma estranheza que me agrada, um tipo de solidão que é justamente o contrário: a necessidade de estar no meio de muita gente. É uma solidão no múltiplo, não apenas no estar só. Ele fica seguindo as pessoas na rua o tempo inteiro. O conto é uma fonte de inspiração por causa desse personagem, que vai vendo a cidade ficar vazia, virando a noite. Achei nisso uma possibilidade dramática incrível e serviu como primeira faísca para eu e o Marcelo escrevermos o roteiro de *O Homem das Multidões*.

Marcelo, você se lembra de como foi a abordagem do Cao para que você embarcasse nessa parceria?

Marcelo – Em 2003 fomos apresentados pela montadora Karen Harley em Belo Horizonte, quando vi um primeiro corte do curta *Da Janela do Meu Quarto*, do Cao. Achei fascinante, e começamos a conversar de cinema. E então ele me mostrou *A Alma do Osso*, que estava ficando pronto, e eu mostrei a ele *Cinema, Aspirinas e Urubus*. Ele me disse que queria fazer a *Trilogia da solidão* e tinha vontade de que o terceiro filme fosse uma ficção. Mas ele não manejava ficção e ficou muito impressionado com o trabalho de atores do *Aspirinas*. Começamos a conversar, às vezes saíamos pelas ruas de BH e ficávamos seguindo alguém que parecia solitário, igual ao personagem do conto do Poe. Em 2005, o Cao foi chamado para uma oficina de cinema no Festival de Inverno de Diamantina, e eu fui dar um curso de direção no mesmo evento. E numa boa conversa de bar decidimos fazer esse filme.

Como foi o desenvolvimento do roteiro?

Marcelo – No começo era uma viagem filosófica, a gente conversava sobre esse personagem que mimetiza a multidão. Líamos Walter Benjamin, Charles Baudelaire e o próprio conto do Edgar Allan Poe. Batíamos papo sobre quem era aquele homem solitário no novo século.

Cao – Em 2007, eu e o Marcelo fomos para Berlim com uma bolsa de desenvolvimento de roteiro, e foi lá que realmente escrevemos o filme, durante dois meses. O Juvenal é um personagem construído no roteiro, e depois junto com o ator, numa história ambientada numa metrópole do Terceiro Mundo. Na cidade, você precisa construir elementos narrativos que gerem a sensação de solidão, e isso é algo muito perigoso, pois quisemos evitar que o Juvenal parecesse uma pessoa patológica. Queríamos alguém comum, tímido, introspectivo.

ENTREVISTAS

Como surgiu a personagem da Margô?

Cao – Ela entra com a questão contemporânea do virtual, de uma solidão diferente, numa relação com as pessoas completamente efêmera de quem se envolve com os outros apenas pelo computador. A Margô não tem a quem recorrer para arranjar um padrinho no casamento, algo tão simples. Essa personagem é nossa tentativa de aproximar o filme do tempo atual e também possibilitar novas formas narrativas para a trajetória do Juvenal.

Marcelo – A figura do “homem das multidões” é anacrônica para os tempos de hoje. As metrópoles têm muitas fricções inerentes às grandes cidades, e essas fricções mudaram demais em relação à época em que o Poe escreveu o conto. A solidão de hoje é mais industrial do que “artesanal”, como era no passado; atualmente é mais virtual e tecnológica. Mesmo assim, não queríamos perder esse personagem que se esconde atrás da multidão e decidimos, de alguma forma, atualizar essa solidão através da Margô. Nada melhor que trazer ao filme os dois tipos de solidão (a “analógica”, do Juvenal, e a “digital”, da Margô) e fazer ambos dialogarem, de uma forma ou de outra.

A escolha por um formato de tela quadrado, na proporção 1 x 1, foi uma maneira de provocar esteticamente esse diálogo entre dois tempos de solidão?

Marcelo – Esse formato parece inspirado nas antigas polaroides, mas é também uma imagem contemporânea de como olhar para o mundo. Porque é como se fosse a tela de um iPhone ou uma fotografia no Instagram. Então *O Homem das Multidões* é o primeiro filme em formato polaroide e em formato Instagram, ao mesmo tempo (risos). E nesse formato quadrado, no qual cabem poucas pessoas dentro do quadro, você já se sente no meio de muita gente imediatamente. Como a profundidade de campo aumenta, o personagem parece sempre mais solitário.

Cao – O formato quadrado achata a imagem e, com isso, o fundo aumenta, o que te dá a sensação de claustrofobia da imagem. A gente colocou uma “máscara” na câmera e no monitor, então já filmávamos nesse formato, o que fazia com que muita coisa que estava sendo registrada pela câmera naquele momento simplesmente ficasse de fora da visão. Demos muita liberdade aos atores para eles circularem em cena, e a gente os “perseguiu” com a câmera, muitas vezes perdendo alguns elementos que ficavam fora do quadro. Nesse sentido, existe todo um segundo filme, que é aquele que acontecia para além dos limites da tela quadrada.

Como foi a experiência de filmar na aglomeração de gente do centro de Belo Horizonte?

Cao – A nossa equipe era pequena, mas grande o suficiente para chamar muita atenção na rua. Várias ideias que tínhamos de “roubar” imagens precisaram mudar, então seguimos um método mais simples. O centro de BH é muito rico. Fiquei bastante tempo na praça Sete de Setembro e descobri que a cidade é muito cosmopolita, tem de tudo naquele lugar. Tínhamos a ideia de tratar

ENTREVISTAS

essa multidão como um volume, uma presença que se insinua. Então trabalhamos o desfoque, como se o personagem do Juvenal precisasse respirar a multidão sem ter que ver o rosto de ninguém, como uma forma de relaxamento que entrava pelos poros, algo tátil, atmosférico. A cidade, então, acabou sendo um personagem insinuado no filme, e não exatamente protagonista.

Marcelo – A gente ficava horas e horas captando material na rua, então nos mimetizamos com as pessoas, e elas se acostumaram com a nossa movimentação. E tanto a Silvinha (Lourenço) quanto o Paulo André passavam por desconhecidos. Quando a gente filmava, as pessoas não sabiam o que nem quem a gente estava filmando. Num certo momento, um cara chegou a perguntar pro Paulo se ele sabia quem era o ator daquele filme (risos). A gente aceitou tudo que a cidade ofereceu a nós. O acaso cai muito bem a qualquer obra artística, e aqui era ainda mais especial.

Como foi a interação de vocês dois como diretores de *O Homem das Multidões*?

Cao – Eu e o Marcelo nos complementamos. Ele tem mais experiência de trabalhar com equipe, com set, de estar ligado em vários elementos ao mesmo tempo, do ator ao assistente. Eu ficava muito com o Ivo Lopes Araújo (diretor de fotografia) e com os atores, mas o Marcelo ia conversar com todo mundo. Ele é mais expansivo, comunicativo e entende como é a figura do ator, dos sentimentos, da curva dramática do filme. Para mim, essa curva vem com elementos variados, não só com o ator, mas com sons, imagens, luzes, sombras, falas. E o Marcelo tem a delicadeza de sempre situar o elenco sobre o que está se passando, e isso faz tudo fluir durante o trabalho.

Marcelo – Eu tinha dois diretores de fotografia no filme, né? (risos). Isso me dava mais tempo de trabalhar com os atores, porque eu tinha total confiança na execução da imagem com o Cao e o Ivo. O que foi mais legal nessa relação é que o Cao às vezes pedia figurantes na rua, e eu sugeria de usarmos alguns figurantes que a gente já conhecia. Aí, no dia seguinte, o Cao já estava dirigindo a figuração e, no terceiro dia, era eu que estava viajando com o Ivo na textura das imagens e esquecendo os atores! Existia então um cruzamento de questões, um aprendizado mútuo. O Cao me perguntava se eu queria agora fazer artes plásticas, e eu perguntava se ele queria virar diretor de atores (risos).

O trabalho do Paulo André e da Silvia Lourenço nos papéis principais é fundamental para o filme. Gostaria que comentassem a presença deles.

Marcelo – Quando o diretor olha para o monitor da câmera num set e enxerga o ator, ele sabe que vai passar uns 500 dias (da filmagem até acabar a montagem) olhando aquele mesmo rosto. Então é preciso que os atores te magnetizem. O Paulo André tinha um olhar de profunda emoção que nos impressionava. Ele tem o andar do personagem, o jeito, o corpo, o olhar que a gente queria. Alguém que viu as imagens dele me disse que nunca viu uma pessoa comer um doce de leite com tanta emoção. A Silvinha eu já conhecia. Ela tem um trabalho de roteirista também, o que era ótimo, porque ela nos dava ideias para a personagem, entendia tudo e passou o tempo inteiro das filmagens

ENTREVISTAS

em Belo Horizonte, mesmo quando não tinha cenas para filmar. Isso foi importante, porque a gente criava novas situações a partir da presença dela ali.

Cao – Antes de termos um ator, fizemos muitas gravações com pessoas solitárias, para ver se a gente chegava a um ator não-profissional, porque um filme como esse não combinava com alguém famoso – e nem seria possível levar um “*star system*” pro meio da rua. Mas a gente preferiu um profissional, até pela carga dramática muito sutil que seria exigida do papel. O Paulo e a Silvinha são excelentes e também “anônimos”, digamos assim, por estarem fora desse “star system” brasileiro. O Paulo se encaixou muito bem, ele é intimista como o personagem. A Silvinha trouxe ainda mais força ao filme, que é sobre dois personagens, e não sobre um só. Os trabalhos dos dois ultrapassaram a nossa própria forma de entender o que seria esse filme.

Que tipo de relação existe entre *O Homem das Multidões* e os filmes anteriores de cada um de vocês, nas semelhanças e diferenças?

Marcelo – No meu caso, ele se aproxima por ser um filme de personagem, por ter a sonoridade, a imagem, a visualidade toda composta para esse protagonista. Não é um cinema de causa e efeito, mas de experiência emocional. É um cinema que procura uma escritura, um jeito particular de ser feito, de ser construído e guiado por emoções e sensações do personagem. Acho que se distancia dos meus outros trabalhos porque, de todos eles, é o menos falado. Em termos de textura e de tempo, é diferente também. Mas o prazer de fazer cinema e de não saber fazer está ali presente. É o nosso exercício de liberdade e frescor, de erro e acerto.

Cao – Todos os meus filmes têm a melancolia e a solidão muito presentes. Aqui também há o personagem à deriva, que constrói um “estar no mundo” bastante inusitado, como acontecia em outros trabalhos que fiz. Senti mais as diferenças no processo de montagem. A mágica e escritura do filme, para mim, acontecem com mais força na edição. Em *O Homem das Multidões*, é claro que isso também aconteceu, mas a edição foi menos parecida com as dos meus filmes anteriores. Aconteceram outras magias, que era a de construir a curva dramática dos personagens, pensar a necessidade de sacrificar sequências belíssimas em função do sentimento dos dois protagonistas, que é o mais importante nesse filme. Foi tudo um grande aprendizado.

(Entrevista realizada por Marcelo Miranda)

ENTREVISTAS

ATRIZ SILVIA LOURENÇO

Que tipo de personagem você acredita ter construído em *O Homem das Multidões*?

Eu poderia te dizer que criei uma moça mineira solitária e tímida, mas com algum senso de humor; recatada, mas com alguma maluquice no fundo do olhar; meiga, mas com um grande potencial de atrevimento. Entretanto, seria pura “invencionice” minha, porque cinema é um negócio muito maluco pro ator, pois, por mais profundo que tenha sido meu mergulho para a criação do universo dessa controladora do metrô de Belo Horizonte, depois de quase um ano longe do assunto me vem apenas uns flashes na cabeça das imagens do quarto dela na casa dos pais, do ambiente de trabalho na sala de controle, das caminhadas solitárias pelo centro de BH com as ruas lotadas de gente, dos ensaios com o Paulo André na sala da base de produção e no Mercado Central. Enfim, é um emaranhado de lembranças difusas! E como eu não imagino como ficou a história depois da montagem do filme, hoje é como se eu tivesse sonhado com todo esse processo, sabe? Eu lembro de toda a experiência exatamente da maneira como eu me recordo dos meus sonhos mais malucos.

Sua trajetória é muito vinculada ao cinema independente e a interpretações muito intensas. Você relaciona a Margô, mais intimista e tímida, a outros papéis que interpretou anteriormente?

Na época em que eu fazia teatro no CPT (Centro de Pesquisa Teatral de Antunes Filho), tive uma personagem chamada Fátima, moça do interior que trabalhava num cartório e que tinha um temperamento um pouco parecido com o da Margô, um jeito meio caipira e ao mesmo tempo engraçado, bem-humorado. Dona de uma inteligência que não vem da lógica cartesiana, mas de sensibilidade mais intuitiva. No filme do Roberto Moreira *Quanto Dura o Amor?* (2009), eu também fiz uma moça do interior, mas ela queria ser moderna, tentava disfarçar a timidez, o que é impossível pra alguém como a Margô. Posso te dizer que *O Homem das Multidões* foi muito diferente de tudo que eu tinha experimentado compor no cinema até então, porque tinha o sotaque e a “mineirice”, que eram coisas muito únicas desse processo de criação. Eu me diverti demais da conta, como diria a Margô.

Como era a interação e o trabalho de direção e interpretação com Cao Guimarães e Marcelo Gomes no set?

A gente teve muitos dias de ensaio antes de começarmos a rodar. Eu e Paulo André, junto com o Pedro Freire (preparador de elenco), o Marcelo e o Cao, lemos muito o roteiro, conversávamos horas sobre as cenas, fazíamos uma por uma de diversas formas. Mas é muito engraçado, porque todos nós tínhamos uma ideia racional do tipo de gente e de situação que queríamos retratar. Entretanto, os personagens são caprichosos, acho que eles conduziram o processo de forma que os diretores tiveram que se adaptar às necessidades impostas por esses seres que eles criaram

ENTREVISTAS

e que transformamos em gente. Então acontecia muito de o Cao e o Marcelo se depararem com uma cena que não era exatamente a que estava escrita, mas que eles diziam: “Cara, isso é totalmente Margô”, ou então “isso é totalmente Juvenal!”. E se permitiam embarcar no novo caminho que se apresentava a eles. O que eu acho uma estratégia altamente inteligente e produtiva para esse tipo de filme, dito “autoral”.

Há alguma característica sua que, de alguma maneira, foi compartilhada na criação da personagem?

De certa forma, creio que nós, atores, emprestamos nossa sensibilidade ou disponibilizamos nosso corpo e emoções para dar voz a esses seres que, no princípio, são de papel. Então, por mais distante de mim que a Margô seja (e de fato ela é), compartilhei com ela a solidão que senti longe da minha casa, das pessoas que eu amo, do meu cotidiano habitual, isolada num apartamento em BH. Nossa solidão era exatamente a mesma.

(Entrevista realizada por Marcelo Miranda)

ATOR PAULO ANDRÉ

Que tipo de personagem você acredita ter construído em *O Homem das Multidões*?

É um personagem paradoxal. Um solitário que gosta e sente prazer de estar junto a uma multidão, no meio de pessoas que não conhece, sem ser notado. Um solitário que se exaspera, se angustia quando está só. Uma pessoa que não tem nenhum traquejo social. Ao menor sinal de interação, de interlocução, ele se esquivava. Um tipo estranho e ao mesmo tempo ordinário, comum. Sem “cores fortes” na composição. É capaz de ficar horas no caos de um centro urbano sem ser percebido.

Sua experiência maior de atuação é no teatro, com o Grupo Galpão. Gostaria que comentasse a experiência de protagonizar um filme de cinema num papel em que a ideia de “anonimato” e de mistura com a aglomeração urbana é o que move esse homem.

Esta é a minha primeira experiência como protagonista em um filme. Já havia tido outras participações em papéis pequenos, episódicos. Eu tenho 30 anos de carreira, essencialmente em teatro. Há 20 anos que faço parte do Grupo Galpão. Não seria possível viver esse personagem se eu fosse conhecido. Era essencial poder me misturar na multidão com liberdade. Aberto ao inesperado. Jogando com o imprevisto, atento, improvisando... Ao mesmo tempo, não seria possível compô-lo sem minha vivência no teatro.

ENTREVISTAS

Como era a interação e o trabalho de direção e interpretação com Cao Guimarães e Marcelo Gomes no set?

Eu me senti muito seguro com a direção do Cao e do Marcelo. Eles tinham o personagem muito claro na cabeça e souberam me transmitir com muita precisão o que eles queriam. Foi essencial ir para a rua e observar centenas de solitários e, juntos, compormos o nosso solitário. O Cao e o Marcelo gostam muito do imprevisto e estavam abertos para improvisação. Ao mesmo tempo, ensaiamos bastante, exaustivamente. Isso me deu muita segurança. Eu adoro ensaiar.

Há algum elemento de você mesmo que, de alguma forma, foi compartilhado na criação do personagem?

Todo personagem é construído a partir de elementos do ator. Apesar de eu ser completamente diferente do Juvenal, ele foi montado, como num gigante quebra-cabeça, por elementos da minha personalidade e das minhas experiências pessoais. Só assim é possível fazer um personagem crível. Eu não sou um solitário, mas sei o que é, às vezes, estar só. E de vez em quando gosto de estar só. Sou meio tímido, e o personagem é também um pouco tímido. Mas isso não é nada especial. Todo mundo é meio assim.

(Entrevista realizada por Marcelo Miranda)

DEPOIMENTOS

DIRETOR DE FOTOGRAFIA IVO LOPES ARAÚJO

“O desafio em *O Homem das Multidões* era construir um universo de imagens capaz de expressar a subjetividade daquele personagem solitário e silencioso rodeado por uma multidão desfigurada e ruidosa pela qual ele se sente totalmente atraído. Para criar essa impressão de massa humana sem rosto, optamos por trabalhar num formato menos panorâmico e acabamos radicalizando essa opção, chegando ao formato quadrado (3 x 3 ou 1 x 1). A ideia era que, no meio de todas aquelas pessoas, só víssemos o nosso personagem. Assim, restringimos o quadro lateralmente e a profundidade de campo usando filtros para abrimos o diafragma, também com o uso de teleobjetivas. Nos interiores, que eram os momentos de solidão do personagem, o desafio era outro. Como trabalhar a espera e o vazio? Como criar a presença da cidade distante adormecida? Essa relação de distância e presença da cidade dentro da casa de Juvenal foi muito bem desenhada por Marcos Pedroso (diretor de arte) na escolha de uma locação cheia de janelas de vidro, que nos possibilitava ter a presença visual da cidade mesmo nos momentos de mais intimidade do nosso personagem.”

“O formato quadrado do filme foi um desafio delicioso. Adoro filmar o céu e o chão, e esse formato possibilitou isso com muita simplicidade e elegância, além de trazer um frescor ao olhar. Penso que a popularização do formato de tela 16:9 valorizou os outros formatos. É estranho ir ao cinema e continuar vendo na telona o mesmo formato que vemos na TV e no nosso computador. É natural querermos ver no cinema um formato próprio. Percebo que 2:2,35 e o 1:1,36 são opções frequentes nos filmes recentes.”

“Trabalhar com Cao Guimarães e Marcelo Gomes foi uma experiência riquíssima. Aprendi muito com os dois e me diverti demais no set. Dois diretores experientes, com diferentes pesquisas estéticas e narrativas, formas de produção e estilos totalmente distintos, e eu bem no meio desse encontro. Maravilha! Poderia ser uma trombada, mas o respeito e admiração que eles têm um pelo outro transformaram esse encontro num lugar de troca, exercício de escuta e muito aprendizado. Os caminhos para a criação da cena surgiam das formas mais diversas. Às vezes tudo partia de um enquadramento, às vezes de uma ação dramática dos personagens, e o que antes parecia ser uma opção mais próxima dos caminhos já percorridos por Marcelo logo se tornava uma aposta de Cao, e imagens que claramente surgiam do universo de Cao eram invenções de Marcelo respirando os mesmos ares do parceiro. Os caminhos eram abertos, e as conversas, muito ricas. O importante era estarmos atentos à unidade entre a delicadeza do drama vivido por Juvenal e o olhar que contasse de forma precisa aquela história. Assim seguíamos buscando integrar imagem, som, narrativa e o acaso que nos rodeava.”

DEPOIMENTOS

DIRETOR DE ARTE MARCOS PEDROSO

A paisagem visual de *O Homem das Multidões* é a cidade. Uma cidade contemporânea e indiferenciada, para multidões de individualidades, com recortes modernistas e urbanismo caótico. O primeiro desafio da arte foi ajudar a construir essa cidade, a eleger o olhar sobre ela. A partir disso, buscamos desenhar os dois personagens centrais nessa massa multiforme. Complementares opostos, um busca fundir-se no todo. Para ele, construímos um mundo, casa, gostos, figurinos, com contornos standard e “institucional/corporativo”. Já a personagem feminina se recolhe nas particularidades das redes sociais e num específico excesso de formas e informações pessoais. Para tanto, fomos a um universo jovem, *nerd*, “*BRICS*” que fundem Ocidente e Oriente no consumo. O ponto de intersecção físico de ambos é o trabalho, e o trabalho é o transporte, o metrô, já com toda sua força visual e conectividade. Um processo que é resultado do amálgama de um diretor/artista plástico, um diretor-dramaturgo, um fotógrafo-investigador e a soma de experiências, vontades e descobertas.

EDITORES DE SOM E COMPOSITORES DE TRILHA SONORA - O GRIVO

Entre as várias opções desenvolvidas por nós no decorrer da montagem de *O Homem das Multidões*, os diretores Cao Guimarães e Marcelo Gomes conduziram o filme para uma economia de meios. Apesar do som da cidade estar presente, optamos por ambientes planos, ou seja, ambientes em que nem um som se destacasse dos demais. Retiramos de grande parte do filme qualquer vestígio de trilha sonora e reconstituímos vários sons, no intuito de limpar o filme de sons urbanos excessivos. Por outro lado, o que norteia a trilha do filme é, sem dúvida, o som dos trens e trilhos, pulsando, como o coração sonoro do filme. A trilha tem algumas surpresas no fim do filme, quando temos momentos com material musical.

O desafio foi o de abrir mão de momentos interessantes de trilha sonora musical. Desapegar de momentos que funcionavam, mas que, no decorrer da edição, tivemos de descartar em função de uma montagem de som mais minimalista, no sentido do trabalho com um número reduzido de materiais sonoros.

Termos trabalhado anteriormente com o Cao Guimarães contribui muito para o que fizemos em *O Homem das Multidões*, no sentido da liberdade e aceitação do som como um dos pilares do processo de montagem e nas possibilidades de abertura dos sentidos.

DEPOIMENTOS

PRODUTOR BETO MAGALHÃES - CINCO EM PONTO (MG)

Apesar de sermos nascidos e criados aqui, é a primeira vez que eu e o Cao Guimarães, que já vínhamos de outros projetos juntos, filmamos a cidade de Belo Horizonte, justamente para *O Homem das Multidões*. Antes tínhamos feito “*road movies*”, sempre fora da cidade. Nosso grande objetivo com o filme foi conseguir fazê-lo nas ruas de BH sem sermos notados como uma equipe de filmagem. Isso era difícil, tendo mais de dez pessoas no set, mas a gente tentava. Em várias ocasiões, posicionamos a câmera em locais onde ela não podia ser vista e fazíamos a cena. O pessoal que veio trabalhar com a gente, de outros estados, ficou impressionado em como conseguíamos que a população não ficasse olhando pra câmera (risos). Mas isso vem da experiência que eu já tenho com o Cao de muitos anos, de passar essa “tinta invisível” na equipe. O trabalho com a prefeitura foi muito tranquilo, pois a administração recebeu com carinho a ideia de levar BH para o mundo todo, para onde o filme circulasse. E especialmente a parceria com o metrô foi especial, era algo que já vinha sendo feita desde o começo do projeto, em 2006. Ainda bem, pois imagine como é filmar entre as estações do metrô, com os trens cheios...

A equipe teve uma integração muito forte desde antes da pré-produção. Durante alguns meses de 2012, chegávamos a ter reuniões toda semana – eu, João Jr., Cao e Marcelo Gomes – para discutirmos orçamento e roteiro. Depois, nas filmagens, existiu uma admiração mútua entre os membros de cada área, o que ajudava demais pro trabalho ser tão bem feito. Vários integrantes já tinham trabalhado uns com os outros, como o Ivo Lopes Araújo (fotógrafo), que tinha feito o Tatuagem, filme do Hilton Lacerda com produção do João Jr. Foi também dessas conversas que adequamos nosso orçamento ao advento do digital. Em 2008, quando começamos a pensar de fato a produção, íamos fazer cópias em 35mm, o que encarecia o processo. Com a evolução do digital no período e a chegada do DCP, isso não foi mais necessário, o que nos permitiu reorganizar mais recursos para o trabalho de produção, dando mais conforto para todos trabalharem.

O produtor deve criar uma boa ambiência de trabalho, cuidar da equipe. Partindo da alimentação: o almoço era um momento de descanso e prazer. Afinal, são dez horas de trabalho por dia, é cansativo, então se deve proporcionar as melhores condições. Ao mesmo tempo, não se pode deixar a produção aparecer demais, a equipe nem a cidade onde se filma pode se sentir agredida de alguma forma. O objetivo é sempre fazer o melhor filme possível. Acho que conseguimos atingir isso.

DEPOIMENTOS

PRODUTOR JOÃO VIEIRA JR. - REC PRODUTORES (PE)

Existe algo no cinema de Cao Guimarães e Marcelo Gomes que me seduz a ponto de, mesmo envolvido com as atividades da produção – que são muitas e que por vezes chegam a afastar o produtor da emoção da filmagem –, me mantiveram na condição de admirador do trabalho deles e do filme que pactuaram em fazer. Me ocorre o “*Cinema Transcendental e os Trilhos Urbanos*”, de Caetano Veloso, pois Cao e Marcelo me permitiram viajar neste projeto, que nasce de uma coautoria entre dois diretores com trajetórias diferentes em busca, juntos, de uma nova forma de se expressar.

A coautoria é ambiente mais que propício à coprodução, a primeira da REC filmada fora do Nordeste. Quando comecei a atuar como produtor, me chamava atenção que tivéssemos tantos acordos de coprodução com outros países, sendo que não existe uma política de incentivo à coprodução realizada dentro do Brasil, que permita reunir fundos regionais em sistema de coprodução e, com isso, acelerar a captação de recursos para filmes de baixo orçamento como os nossos. Isso traria mais agilidade a um processo de captação que chega a levar três anos no Brasil. Quem tem a ganhar é o cinema brasileiro. Com *O Homem das Multidões*, é hora de celebrar a troca de conhecimento técnico e experiências artísticas entre Pernambuco e Minas, a REC Produtores e a Cinco em Ponto, entre Cao e Marcelo.

Neste modelo, está uma aposta mais que urgente, que permite trilhar um caminho viável aos produtores. Nada mais saudável do que valorizar o que as produções têm em comum, assim como as diferenças que motivam a cooperação e o aprendizado mútuo.



SOBRE AS PRODUTORAS

CINCO EM PONTO

A empresa produtora Cinco em Ponto foi fundada em 2001 com a proposta de apoiar, desenvolver e produzir projetos autorais de cinema e vídeo. Ao longo destes anos produziu documentários de longa e média metragem além de instalações audiovisuais. Entre seus trabalhos filmes de grande importância para a cinematografia brasileira, como os premiados longa-metragens dirigidos por Cao Guimarães: *Ex-Isto* (2010), *Andarilho* (2007), *Acidente* (2005), *Rua de Mão Dupla* (2004), *A Alma do Osso* (2004) e *O Fim do Sem Fim* (2001).

CONTATO:

CINCO EM PONTO LTDA
+55 31 3287 6210
Rua Paul Bouthilier 423 Comiteco
Belo Horizonte-MG
Cep.: 30315-010
Beto Magalhães /+55 31 9952 9776
betomaga@uol.com.br

REC PRODUTORES ASSOCIADOS

A empresa brasileira REC Produtores Associados ficou conhecida com filmes como *Cinema*, *Aspirinas* e *Urubus*, de Marcelo Gomes (Prêmio do Ministério da Educação no Festival de Cannes e mais de 50 prêmios no mundo todo), *KFZ-1348*, de Gabriel Mascaro e Marcelo Pedroso, *Viajo Porque Preciso*, *Volto Porque Te Amo*, de Marcelo Gomes e Karim Aïnouz, lançado em 2010 no Festival de Veneza e *Era Uma Vez Eu*, *Verônica*, de Marcelo Gomes, lançado no Toronto International Film Festival, em 2012. Co-produziu *Boa Sorte, Meu Amor*, de Daniel Aragão (Festival de Locarno), e *Baixio das Bestas*, de Cláudio Assis (International Film Festival Rotterdam). Atualmente, a REC está lançando *O Homem das Multidões*, de Cao Guimarães e Marcelo Gomes e *Tatuagem*, de Hilton Lacerda.

CONTATO:

REC PRODUTORES ASSOCIADOS
+55 81 3073-1650
Rua João Ivo da Silva, 249, Madalena
50720 100 Recife - PE
João Vieira Jr. /+55 81 9635-9290
joao@recprodutores.com.br
Nara Aragão /+55 81 8846-6628
nara@recprodutores.com.br

PATROCÍNIO



APOIO CULTURAL



PRODUÇÃO



APOIO

OPEN DOORS LOCARNO

DAAD



